



PORTUGAL

EU FICO!

A vida levou-os por trajetos diferentes, mas confluíram na escolha de viver em Portugal. Três cientistas, dois gestores e um maestro falam da necessidade de cá estar e trabalhar, mesmo quando a crise empurra os profissionais para a emigração e o desemprego é moeda corrente

TEXTOS DE LUCIANA LEIDERFARB FOTOGRAFIAS DE TIAGO MIRANDA

O

Os caminhos que não seguiu, que ficaram para trás, não tiram o sono a Perpétua do Ó. Mas as palavras exatas do seu mentor, Ihor Lemischka, quando ela decidiu ficar em Portugal, ainda a assaltam de tempos a tempos. Diante a recusa em aceitar o convite que este lhe endereçara — o de integrar a sua equipa de investigação em Princeton —, o célebre biólogo vaticinou: “O teu trabalho vai perder-se.” Ao que Perpétua respondeu: “Em Portugal faz-se o mesmo trabalho do que noutros sítios, leva é dez vezes mais energia.” Esta é apenas uma parte da história desta cientista que, contrariando a cada vez mais frequente fuga de cérebros portugueses para outros pontos do planeta, escolheu desenvolver por cá a sua atividade. Como ela, houve outros que ficaram. O também cientista João Relvas, que voltou 15 dias antes do rebenatar da crise; o empreendedor Francisco de Almeida, que arriscou um negócio próprio em pleno reinado da austeridade; o maestro Pedro Carneiro, que no país do desinvestimento na cultura sonhou criar uma orquestra; o financeiro José Martins Soares, que trocou a banca londrina pelos ares lisboetas; o engenheiro biomédico João Miguel Sanches, cuja carreira internacional sempre teve, por resoluta opção, a sua base em Portugal.

Francisco de Almeida é o mais novo desta

A urgência de fazer

PEDRO CARNEIRO

Músico, 36 anos

É um dos instrumentistas portugueses de maior projeção internacional. Nascido na margem sul, filho de um trompetista e de uma atriz amadora, estudou piano, trompete e violoncelo antes de escolher a percussão. Do Conservatório de Lisboa passou para a Guildhall School of Music and Drama, em Londres, como bolseiro da Fundação Gulbenkian. Mais tarde tornar-se-ia discípulo do maestro Emílio Pomarico, em Milão. Exímio intérprete de marimba — estreou mais de 100 obras —, dedica-se também à composição e à direção orquestral. Em 2007, após dez anos a viver fora do país, teve a ousadia de voltar e de fundar a Orquestra de Câmara Portuguesa. “Foi um gesto de cidadania pró-ativa”, diz.



Data: 05.05.2012

Titulo: EU FICO!

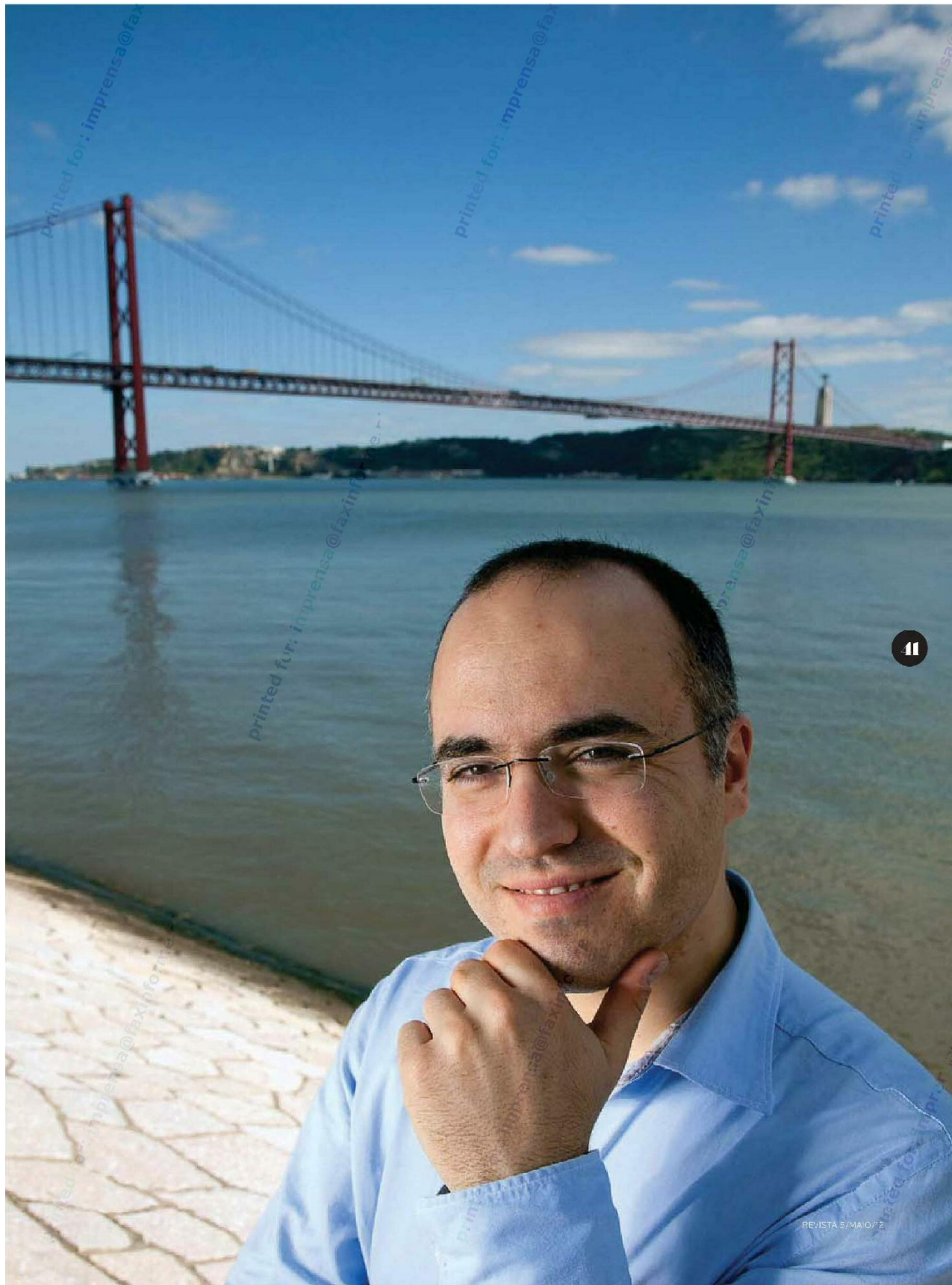
Pub: **Expresso** REVISTA



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 40;41;42;43;44;45;46



REVISTA 3/MAIO/12

Área: 2103cm² / 23%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4107840



O financeiro inato

JOSÉ MARTINS SOARES

Responsável pelo *research* de ações em mercados emergentes, 38 anos

Licenciado em Economia pela Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, José Martins Soares soube precocemente que a sua carreira seria desenvolvida no campo das finanças. Após uma experiência como *broker* em Madrid, esteve dez anos em Londres na J.P. Morgan e na Morgan Stanley, até voltar para Portugal em 2009. "Aqui, tenho uma vida boa", garante o diretor central do Espírito Santo Investment Bank, com vista para a Rua Alexandre Herculano, em Lisboa.

lista. Aos 30 anos, declinou uma posição no departamento de estratégia do Barclays Bank, em Londres, e outra numa multinacional que pretendia estabelecer-se em São Paulo para abraçar um projeto próprio com sede no centro de Lisboa. "Queria ter algo meu, ver até onde consigo chegar, meter as mãos na massa, errar", diz um ano depois de ter aberto as portas do LEAP Center, onde dia após dia enfrenta as dificuldades e os desafios do caminho que tomou. Tudo começou, porém, como tudo sempre começa: com uma dúvida. Era o final de 2010, Portugal afundava-se na incerteza, Francisco regressava de 12 meses "extraordinários" passados entre França e Singapura por conta de um mestrado no prestigiado INSEAD, as propostas de emprego sucediam-se, os amigos e familiares instavam-no a sair, e ele só tinha dois meses para pensar. Bastou um relance pelo tecido empresarial do país para localizar uma lacuna no mercado e, consequentemente, uma oportunidade.

"Percebi que havia muitas entidades a apoiarem a criação de empresas mas nenhuma que as ajudasse numa fase de crescimento. E os obstáculos na expansão

"FARTÁMO-NOS DE SER EMIGRANTES. FORAM ANOS CANSATIVOS, PRODUTIVOS, MAS DE MUITO TRABALHO. SENTIMOS QUE PODÍAMOS CONTINUAR A FAZÊ-LO CÁ", DIZ PEDRO CARNEIRO

são completamente diferentes dos iniciais", explica. A esta descoberta somou-se a constatação de que são poucos os negócios que vingam após a descolagem. Foi assim que nasceu aquilo a que chama uma "incubadora de empresas", vocacionada para as assessorar na gestão, na estratégia e na captação de capitais internacionais. O LEAP Center conjuga a formação com a consultoria e o aluguer de salas no espaço que ocupa perto das Amoreiras — e já apoia sete empresas, acolhendo 17. Pai de dois filhos, Francisco sabe que o momento não é de grandes ganhos, por isso não abdicou ainda do cargo de consultor sénior na empresa BCG. Mas gostava que o projeto adquirisse a consistência necessária para, um dia, poder dedicar-se a ele em regime *full time*. "Acredito piamente que as alturas de crise são também de grandes possibilidades. Na minha vida, fazia-me falta fazer alguma coisa em que acredite profundamente", reconhece.

UM GESTO DE CIDADANIA

Razões semelhantes levaram Pedro Carneiro a perder a cabeça e a fundar a única orquestra inteira-

mente privada do país. Após dez anos a viver com a mulher — a bailarina Teresa Simas — entre Londres e Aix-en-Provence, a necessidade de regressar impôs-se "quase intuitivamente". "Fartámo-nos de ser emigrantes. Foram anos cansativos, produtivos, mas de muito trabalho. Sentimos que podíamos continuar a fazê-lo cá, aproveitar a bagagem que trazíamos e dar o nosso contributo", diz. A Orquestra de Câmara Portuguesa surgiu de um "gesto de cidadania pró-ativa" e de uma característica de personalidade do próprio Pedro que o impele a fugir do lado negativo das situações. "Temos um país que ainda não encontrou a forma de dar estabilidade ao desenvolvimento artístico, em que as orquestras mudam de nome, de projeto, de caminho. Perante isto, pode-se cruzar os braços e resignar-se à 'nuvem negra' ou fazer algo de novo."

Pedro Carneiro é um percussionista conhecido internacionalmente, formado em Inglaterra, com uma carreira que sempre o fez deambular um pouco por todo o mundo. Mas nem a longa experiência acumulada minimiza o sentimento de que esse mundo pouco

Um homem do mundo

JOÃO RELVAS

Neurocientista, 45 anos

Natural de Coimbra, formou-se naquela cidade e passou dois anos no Instituto Gulbenkian de Ciência, antes de partir para duas décadas de exílio voluntário em diferentes pontos da Europa. Primeiro, quatro anos em Londres, para o doutoramento. Depois, seis anos em Cambridge, para o pós-doc. Por fim, sete anos em Zurique, como chefe de grupo no importante Centro de Neurociências daquela cidade, finalizam a sua experiência de "stranger in a strange land", como ele próprio se autodenomina, citando o escritor de ficção científica Robert A. Heinlein. De regresso a Portugal, radicou-se no Porto, onde integra a equipa do IBMC, como coordenador da área de neurociências, além de ser assistente de Histologia e Embriologia na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

percebe acerca de Portugal. "Tem a ver com a imagem que temos veiculado, de um país onde é bom passar férias", diz ele, comentando que, muitas vezes, se viu obrigado a encarnar o papel de "evangelizador em prol da causa portuguesa". Essa causa tem música lá dentro. Envolve toda uma geração de jovens formados cá em estado de desorientação pura que "espera pela oportunidade de uma prática regular e enriquecedora". Foi isso que Pedro quis dar-lhe, consciente de que esta iniciativa só faz sentido no contexto nacional: "Não estou iludido. Fazer isto em Paris ou em Berlim é irrelevante. Mas aqui era urgente." A OCP reúne cerca de 36 instrumentistas *free lancers* e não vive do financiamento estatal, mantendo-se graças aos projetos que vai impulsionando e à venda de concertos. É uma das orquestras residentes do CCB nesta temporada e está a estudar, junto de uma importante consultoria, qual o modelo de funcionamento mais adequado ao propósito de se tornar cada vez mais autónoma.

MOVIMENTO PERPÉTUO

A história de Perpétua do Ó não é feita de arrependimentos. É cons-

truída com a matéria elástica das mudanças, das adaptações, da perseguição sem tréguas de um objetivo, da reinvenção pessoal. Licenciada em Farmacologia, trabalhou quatro anos neste território — um dos quais no Instituto Karolinska de Estocolmo. Depois, imprimiu ao seu caminho uma inflexão que a levou a interessar-se pela biologia de células estaminais e a doutu-

rar-se neste campo. Para o conseguir, passou seis anos nos laboratórios da Universidade de Umea, cidade do norte da Suécia para onde confluem milhares de estudantes de todo o globo. Nesse caldo bem vitaminado, ela dedicou-se vorazmente ao estudo e à pesquisa, de 1996 a 2002, quando o doutoramento chega ao fim. Um dos arguentes da sua tese é Ihor Lemisch-

ka, famoso biólogo celular, que a convida a juntar-se-lhe em Princeton. "Era o que eu queria: continuar fora de Portugal. O regresso era assustador. Foi muito doloroso ter de recusar", conta Perpétua, a quem o nascimento da filha acabou por precipitar e, no fim, amenizar a decisão.

Foi aí que o célebre Lemischka vaticinou que o seu trabalho





A irrequietude em pessoa

PERPÉTUA DO Ó
Investigadora em células estaminais, 43 anos

O percurso desta cientista nada tem de convencional. Iniciou-o com uma licenciatura em Farmacologia, infltiu no doutoramento para a biologia de células estaminais, feito na Suécia, ainda fez um desvio pela imunologia molecular, e em 2006 tornou-se propulsora de um projeto na área da regeneração cardiovascular, chefiando a equipa de biologia de células estaminais no INEB, no Porto. Ficar foi "doloroso mas compensador".

iria perder-se. E foi aí que Perpétua tudo fez para contrariar o mestre, não sem antes concluir um pós-doutoramento em Imunologia Molecular. Quando, em 2006, voltou às células estaminais, soube que seria para sempre. Apresentou à FCT um projeto na área da regeneração cardiovascular e foi financiada: "Tive a arrogância de querer começar sozinha. Mas aconteceu." Hoje chefia a equipa de biologia de células estaminais do Instituto Nacional de Engenharia Biomédica (INEB), no Porto, cidade a partir da qual assistiu ao "desenvolvimento grandioso" da ciência no país, sobre o qual diz: "Todo esse trabalho levou ao ponto onde estamos agora. Mas foram criadas expectativas maiores do que aquelas que o país consegue suprir. O que construímos pode desabar."

A DOCTRINA DO TRABALHO
José Martins Soares ainda se revolta quando vê um carro a acelerar próximo de uma passadeira. Sabe, porém, que tal sentimento é apenas um sintoma de quem regressa. No seu caso, é o único. Conseguiu a proeza de manter o padrão de vida que detinha em Londres, onde residiu dez anos, e de encontrar um

emprego à sua altura na profissão que escolheu. O diretor central e responsável de *research* de ações em mercados emergentes do Espírito Santo Investment Bank tem um passado de ousadia e de ambição. Nascido e criado em Almada, numa família de classe média, como gosta de frisar, este licenciado em Economia e músico amador teve uma epifania: "Devo ter tido a pior média do curso, mas era bom em finanças. Percebi de imediato que queria ser analista de bolsa." Não tardou em enviar currículo a corretoras nacionais e foi recrutado, até em 1998 voar para Madrid e um ano mais tarde ser lançado sem anestesia na City londrina como *researcher* de ações da J.P. Morgan. Em 2002 casa-se com a namorada de faculdade e um ano depois ambos voltam a Portugal. "Para mim, o trabalho é uma doutrina. Entrego-me a 100 por cento. Por isso, cheguei a um ponto em que precisava de parar", relata José. Mas só esteve por cá pouco mais de um ano.

Em 2005, uma proposta "irrecusável" da Morgan Stanley levou o casal a fazer de novo as malas rumo a Londres. Ana, o primeiro bebé, vinha já a caminho. Quando,

em 2009, esperavam pelo segundo, Alice, resolveram aproveitar a oferta do Espírito Santo Investment e concretizar um retorno ao país que não salvou o casamento mas manteve José perto das filhas, até hoje. "Posso dizer que sou um sortudo. Faço o que gosto, tenho uma vida confortável. Começo cedo, pelas 7h, e saio cedo. Tenho o pé fora — viajo todas as semanas — e não me aborreço. Vivo perto da praia. E posso ir buscar as miúdas à escola."

VIAJAR SEM SAIR
De facto, a qualidade de vida em Portugal é um dos aspetos mais referidos pelos entrevistados na hora de explicar a opção de cá ficar. João Miguel Sanches não foge à regra, embora seja o único deles que não passou pela experiência de estudar ou trabalhar no estrangeiro, permanecendo ligado ao Instituto Superior Técnico desde a licenciatura em Engenharia Eletrotécnica até ao presente. "Acaabei o curso tarde e casei-me de seguida. Sempre fui uma pessoa dispersa. E sou muito agarrado a isto", confessa. Tal não o impediu de fazer uma carreira com ressonância internacional na especiali-

PARA PERPÉTUA DO Ó, "FORAM CRIADAS EXPECTATIVAS MAIORES DO QUE AQUELAS QUE O PAÍS CONSEGUE SUPRIR. O QUE CONSTRUÍMOS PODE DESABAR"

zação que escolheu, em processamento de imagem médica e no estudo do sono e dos seus mecanismos. Para João Miguel, nunca foi necessário estabelecer-se noutra país para crescer profissionalmente: "Pode-se fazer um percurso tendo como base Portugal. Até porque o trabalho de investigação que aqui fazemos é avaliado por painéis internacionais."

Isso leva-nos à questão, outra impensável, da ubiquidade do cientista num mundo global, em que tudo está à distância de um voo — real ou virtual. E da consequente banalização do 'lá fora' como meio exclusivo de validar uma carreira. "Hoje em dia, uma pessoa que sai ganha um peso curricular que é muito relevante. Mas, se nalguns casos é justificado, noutras representa uma mais-valia residual. Alguém que vai para fora pode fazer um trabalho excelente, se for excelente, ou medíocre, se for medíocre. E o seu currículo será sempre sobrevalorizado", salienta João Miguel Sanchez, que



O jovem empreendedor

FRANCISCO DE ALMEIDA

Consultor sénior, 30 anos

Economista habilitado pela Universidade Nova de Lisboa, a seguir ao curso trabalhou cinco anos na empresa BCC, onde hoje é consultor sénior. Depois, partiu para um ano intensivo de mestrado no INSEAD entre Singapura e França. Ao voltar, em finais de 2010, quis "meter as mãos na massa", inaugurando o LEAP Center, em Lisboa, uma "incubadora de empresas" vocacionada para assessorar negócios em fase de crescimento mas também para o aluguer de salas e a formação.



O lisboeta abnegado

JOÃO MIGUEL SANCHES

Engenheiro biomédico, 47 anos

Licenciou-se em engenharia eletrotécnica, área em que se doutorou no Instituto Superior Técnico, a sua segunda casa.

“Pode-se ter uma carreira internacional mantendo a base em Portugal”, defende. Mais tarde, graças a um protocolo do IST com a Faculdade de Medicina de Lisboa, especializou-se em engenharia biomédica. Hoje colabora com o grupo de cirurgia vascular do Hospital de Santa Maria no diagnóstico da doença aterosclerótica da carótida e estuda os mecanismos do sono.

admite que o seu CV possa ter sido prejudicado por não ostentar qualquer migração. “Digamos que não é bem visto, pois não favorece o ‘apuramento da espécie’. Um técnico sem rotação não perde alguns dos maus vícios da instituição a que pertence.” Porém, este académico encoraja os seus alunos a sair. E irrita-se com os colegas que emitem frases do tipo: ‘No meu tempo é que se estudava!’ “É uma grandíssima mentira. Objectivamente, a média dos alunos hoje é melhor do que era há 20 ou 30 anos.”

VESTINDO A CAMISOLA

Em finais de 2008, quando eclodia da crise mundial que prenunciava o rápido aumento de emigração portuguesa qualificada, João Relvas empreendia o caminho oposto. Emigrou para Portugal, depois de 20 anos a residir fora do país. Aquele impulso que o levava a viver quatro anos em Londres, seis em Cambridge e sete em Zurique — onde foi *group leader* no importante Centro de Neurociências daquela cidade — conduzia-o agora de regresso à terra da qual saíra por falta de condições para se desenvolver plenamente como profissional. No Porto, foi bem su-

"ALGUÉM QUE VAI PARA FORA PODE FAZER UM TRABALHO EXCELENTE, SE FOR EXCELENTE, OU MEDÍOCRE, SE FOR MEDÍOCRE", AFIRMA JOÃO MIGUEL SANCHES

cedido na candidatura a uma posição no Instituto de Biologia Molecular e Celular (IBMC), embora o salário fosse “incomparável” com o de Zurique e o contrato de três anos revelasse um risco que não se coadunava com a segurança a que aspiraria uma carreira como a sua. O que levou este cientista de renome, colecionador de livros antigos e atual coordenador da unidade de investigação em neurociências do IBMC, a querer voltar a viver em Portugal? A pergunta suscita uma resposta liminar: “Tinha de escolher onde me iria radicar, e a próxima decisão já seria permanente.”

Na verdade, a mudança escondia outros motivos. “Não sou sebastianista. Não venho para cá salvar a ciência portuguesa. Mas vim vestir a camisola. E fazer ciência de qualidade, tanto quanto fazia lá fora. Para que os alunos do futuro tenham algo que eu não tive”, explica, reconhecendo, porém, a “diferença brutal” que existe entre o país do presente e o da sua juventude. Como todos os que retornam, João Relvas possui um olhar perscrutador e crítico da realidade nacional, sobretudo de uma classe política que qualifica de “inoperante”: “Continuamos a ter os proble-

mas de há 400 anos. A centralização de recursos, o gastar mais do que se produz, não haver contrapoder, não se investir nas pessoas. Mas a classe política, ao contrário de muitos outros sectores da sociedade, piorou. Agora é totalmente impreparada, não sabe do que está a falar. E os cientistas ficam reféns dessa inoperância.”

Para João Relvas, que no âmbito do seu projeto de investigação já recebeu uma carta a exigir que justifique uma despesa de 32 cêntimos, é “obrigatório” que se invista não só na desburocratização destes processos como na própria ciência e, sobretudo, na educação. “Digo sempre à minha filha: porque é que tens de ter boas notas? Porque isso permite escolher em vez de sermos escolhidos. Da mesma forma, Portugal tem de poder escolher o seu futuro, antes que o escolham por nós.” Apesar de “chocado com o negativismo permanente”, o cientista considera que este é um momento histórico único e decisivo: “Pela primeira vez em 500 anos, o futuro reside em nós, na nossa imaginação e nas nossas capacidades. Bem ou mal, é um momento interessante para se estar em Portugal.” ●

lleiderfarb@expresso.imprensa.pt